

**As Aventuras da Dialética: considerações sobre o texto Sartre e o ultrabolchevismo**

Adventures of the Dialectic: considerations on the text Sartre and ultrabolchevismo

Cleiton Nery de Santana

Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP)

[nery.sj@hotmail.com](mailto:nery.sj@hotmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/9131879506263750>

**Resumo**

O presente artigo busca expor as divergências políticas e filosóficas existentes entre Merleau-Ponty e Sartre. No primeiro momento, iremos mostrar o cenário sócio-político no qual os dois filósofos estão inseridos, juntamente com as motivações principais para que houvesse o rompimento da amizade entre eles. Em seguida, detalharemos os principais conceitos políticos e filosóficos apresentados por Merleau-Ponty para desvalidar as teorias sartrianas. Por fim, apresentaremos a resposta dada por Simone de Beauvoir, em defesa do seu companheiro Sartre, a Merleau-Ponty.

**Palavras-chave**

Merleau-Ponty. Sartre. Beauvoir.

**Abstract**

This article aims to expose the political and philosophical differences between Merleau-Ponty and Sartre. At first, the socio-political scenario in which the two philosophers lived will be presented, together with the main motivations for their friendship rupture. Then, the main political and philosophical concepts defended by Merleau-Ponty to devalue Sartre's theories will be detailed. Finally, the answer given by Simone de Beauvoir to Merleau-Ponty, in defense of her companion Sartre, will be presented.

**Keywords**

Merleau-Ponty. Sartre. Beauvoir.


## 1. Introdução

A divergência entre Maurice Merleau-Ponty e Jean Paul Sartre é um fato importante na biografia destes dois pensadores franceses do século XX. Esta disputa teve a sua origem a partir de elementos filosóficos e políticos. Em decorrência destas discussões, anos mais tarde, mais precisamente em 1960, resultará a *Crítica da Razão Dialética* de Sartre. Mas anteriormente à publicação de Sartre, em 1955, Merleau-Ponty publicará *As Aventuras da Dialética*. A origem da discussão destes dois pensadores está na publicação de *Os Comunistas e a Paz*, escrito por Sartre em forma de três artigos para serem publicados na revista *Les temps modernes*.

Segundo Marilena Chauí, em seu comentário sobre as cartas trocadas entre os dois filósofos, as divergências foram expressas à princípio em forma de correspondência. Nestas três cartas percebe-se a relação tensa que aos poucos vai ganhando dimensões maiores:

Tu me falas de tua amizade. Que pena. Ouvi-te dizer que já não crês nas relações pessoais, só havendo relações de trabalho em comum. Como podes, senão por condescendência, falar de amizade no momento em que pões um fim a este trabalho? Olhando para todos estes anos, vejo, de tua parte, muitos benefícios - quanto à amizade, não tenho tanta certeza. Para mim, ao contrário, não te reduzés à conduta que te vejo ter, não careces de incessantemente fazer 'por merecer' para que eu te assegure a minha amizade (MERLEAU-PONTY, 2000).

Em 1952, dá-se o início da disputa entre Sartre e Merleau-Ponty e neste momento o cenário político francês se encontrava bastante turbulento. Jacques Duclos, que era secretário geral do Partido Comunista Francês (PCF) havia sido preso. Neste momento também havia na França manifestações organizadas contra o general norte americano Matthew Ridway, mais conhecido como "a peste", por ocasião da sua visita à França. Nestas duas ocasiões, os operários não respondem significativamente à convocação. Estamos em plena guerra da Coreia (1950-1953) e Sartre publica na revista *Les temps modernes* a primeira parte de *Os Comunistas e a Paz*. Este texto, que tem sua unidade, teve as duas primeiras partes publicadas em 1952 e a terceira e última em 1954. Com esta publicação, Merleau-Ponty compreende a mudança de opinião e de posição política de Sartre. Para ele, "Sartre passara do anticomunismo à defesa do comunismo e retornava ao anticomunismo, mas, agora, considerando-se marxista" (CHAUÍ, 1997).




Neste momento da publicação, Merleau-Ponty é o responsável pela seção política da revista. Sartre, enquanto diretor, afirma que é imperativo apoiar o PCF, uma vez que ele é atacado por todos os lados. Simultaneamente, Merleau-Ponty escreve um resumo introdutivo a estas críticas em um artigo de Pierre Naville, em que expõe sua distância e discordância política com o texto em questão. Sartre decide publicar o texto de Naville sem o resumo de Merleau-Ponty.

Ao publicar o texto desta forma, Sartre faz compreender que a posição política de Naville era a de toda a redação da revista. Como o texto com o desacordo de Merleau-Ponty não é publicado, o descontentamento e a tensão no interior da redação começam a aparecer. Neste início da divergência, Claude Lefort, que foi aluno de Merleau-Ponty, partilhava do mesmo pensamento do mestre, escreve um duro texto sobre Sartre, que este decide publicar em *Les temps modernes*. Sartre responde ao texto de Lefort e conseqüentemente há uma tréplica por parte de Lefort. Neste momento dos fatos a cisão se torna irreparável. Desde o episódio de Naville, a demissão de Merleau-Ponty se torna inevitável. Após falar longamente ao telefone, Sartre e Merleau-Ponty rompem a relação.

## **2. O olhar do fenomenólogo sobre a política**

Se o filósofo Merleau-Ponty, enquanto fenomenólogo, pensador do corpo e da percepção é bastante conhecido, sua reflexão política não encontra a mesma dimensão. No início, sua reflexão política é fortemente marcada pelo marxismo, sobretudo pelo jovem Marx dos Manuscritos de 1844, mas pouco a pouco vai fazendo o movimento de distanciamento do pensamento de Marx e isto vai se tornando evidente já em uma de suas primeiras obras de caráter político, intitulada *Humanismo e Terror: ensaio sobre o problema comunista* (1947). Nesta obra, Merleau-Ponty busca responder ao livro *O zero e o infinito* de Arthur Koestler. No campo do pensamento francês do pós-guerra, *Humanismo e Terror* terá um papel importante em uma filosofia da história marxista, libertada do dogmatismo e estimulada pelas influências do pensamento existencial.

Na segunda metade dos anos 1950, a situação política e filosófica se encontra bastante modificada e Merleau-Ponty continua a afirmar que a centralidade do marxismo consiste em uma filosofia da história. As *Aventuras da Dialética* constituem uma tentativa de explicação



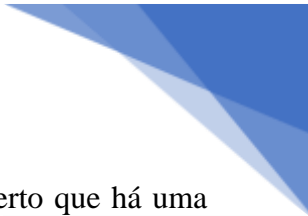
por parte de Merleau-Ponty da sua nova posição em relação ao marxismo, sobre a forma de uma longa crítica a Sartre. Esta crítica, em forma de conferência, será intitulada por Merleau-Ponty como Sartre e o ultrabolchevismo. Em linhas gerais, ele critica a maneira como Sartre tentava justificar teoricamente sua proximidade política com o PCF no início dos anos 1950, em *Os Comunistas e a Paz* e também na Resposta a Claude Lefort.

Em *Os Comunistas e a Paz*, Sartre afirma que o PCF quando atacado deveria ser defendido por todas as esquerdas. Para ele, este era o mais poderoso partido a representar o proletariado francês e por isso precisava ser defendido para que houvesse uma classe universal. Merleau-Ponty expõe como Sartre compreende alguns conceitos sobre o partido, que são expressos em *Os Comunistas e a Paz* e na Resposta a Claude Lefort:

Não devemos nem mesmo dizer que a classe se mostra ou se esconde, que se fortalece ou enfraquece: devemos dizer que ela ‘se faz, se desfaz e se refaz o tempo todo.’ A história é voluntária ou inexistente. ‘As classes não são, elas são feitas.’ O proletariado ‘só é em ato, ele é ato: se cessa de agir, se decompõe’. ‘A classe é um sistema em movimento: se ela parasse, os indivíduos retornariam à sua inércia e à sua solidão’. ‘Uma classe se organiza’, diz Sartre, querendo sem dúvida dizer, não que ele se organiza, não que outros a organizam, mas que num único movimento, sem sujeito, que é a troca entre os operários e o Partido, os operários se inventam militantes e a pura ação vem ao mundo (MERLEAU-PONTY, 2006).

Diante disto, Merleau-Ponty associa a crise da ideia de revolução ao bolchevismo. Para ele, os partidos comunistas substituíram o conceito marxiano de desenvolvimento da consciência de classe pelo conceito bolchevique de interesses do partido. Merleau-Ponty critica também o afastamento de Sartre do pensamento marxiano, no que diz respeito a mediação entre a subjetividade e objetividade, da mesma forma que a proximidade dos comunistas sem nunca ter se afirmado marxista. Ele afirma que “Sartre descreve um comunismo de ação pura que não acredita mais na verdade, nem na revolução, nem na história” (MERLEAU-PONTY, 2006). Faz-se importante perceber que os dois filósofos se apresentam como intelectuais engajados, mas com distintas concepções sobre o que significa este termo. Mesmo sendo fortemente criticado por Merleau-Ponty, Sartre nunca se engajou no PCF.

Em Karl Marx, a luta de classes não tem apenas uma dimensão econômica e social, marcada pela relação entre modos sucessivos de produção e relações de produção, mas há também uma dimensão política. Essa dimensão política impede de dar uma visão puramente determinista do seu desenvolvimento. Ela introduz a contingência, que pode ser uma




transformação revolucionária, ou o colapso comum das classes em luta. É certo que há uma inevitabilidade histórica do momento revolucionário, enfatizada no que diz respeito ao desenvolvimento da sociedade burguesa, que produz transformações nunca antes conhecidas em termos de trabalho, valor, troca e consumo. Mas a contingência do momento revolucionário não se reduz a isto. Para que o proletariado se torne mestre das forças produtivas da sociedade e do seu modo de apropriação, é preciso que se forme em classes, que se eleve à consciência política.

O comunismo de Sartre, descrito por Merleau-Ponty, foi apenas um tema de transição. Mas foi um episódio decisivo, que permitiu ao autor de *O ser e o nada* perceber a inevitável institucionalização dos movimentos sociais e das revoluções. Para Merleau-Ponty, o coração filosófico da disputa presente em *As Aventuras da Dialética* concerne à indiferença de Sartre em relação as estruturas e a significação do social. Seu dualismo ontológico intransigente o impede de dar lugar a uma dimensão ontológica essencial, a saber a dimensão entre o em-si e o para-si, que consiste em uma oposição entre o eu e o outro.

Em *O ser e o nada*, Sartre descreve a distinção hegeliana que estrutura sua ontologia, isto é, entre o ser inconsciente (em-si) e o ser consciente (para-si). O em-si é fixo, pleno e não tem a capacidade de mudar, assim como não está consciente de si-mesmo. O para-si é consciente de sua própria consciência, mas também é incompleto, aberto, em construção. Para Sartre, essa indefinição, essa incompletude é o que define o homem. Como o para-si não tem uma essência predeterminada, ele é forçado a ser criado a partir do nada.

Ao considerar o homem como um ser consciente e exposto à tragédia existencial, Sartre não quer limitar o campo existencial do homem aos fatos empíricos e mesmo pragmáticos, que motivaram suas análises da facticidade ou contingência humana. O homem é facticidade, isto é, ele se descobre lançado à existência, ele é ser de facto, uma existência que ele mesmo não queria, mas para a qual ele deve dar sentido. O homem não se escolheu. No entanto, ele é aberto para se escolher a si-mesmo. O que não impede que a facticidade seja sobretudo para o homem uma fonte de angústia, pois desde o início o homem se descobre injustificado, não encontrando sentido para a sua existência no mundo. Este sentido da existência deve ser dado pelo próprio homem.

Em oposição ao pensamento ontológico e político afirmados por Sartre, Merleau-Ponty compreende a ação política como inter-mundo, combinando elementos materiais (como a situação econômica e social) com elementos simbólicos (as formas de representação e




significação desta realidade), que coloca em relação as consciências. Os traços marcantes da posição política de Sartre, fundados em um voluntarismo, numa apologia a um autoritarismo, em um centralismo e terrorismo provém, segundo Merleau-Ponty de uma ontologia social defeituosa que permanece impermeável à dialética. Após discordar de Sartre, assim ele define como compreende a ontologia social:

Nossas experiências mantêm, portanto, relações laterais de verdade: todos juntos, cada um possuindo claramente o que é secreto nos outros, no nosso funcionamento conjugado formamos uma totalidade que tende para o esclarecimento e a finalização. Temos abertura suficiente para os outros para nos colocarmos em pensamento na perspectiva deles e nos imaginar neles. Não estamos fechados em nós mesmos. Contudo, a totalidade para a qual caminhamos juntos, enquanto se completa de um lado, se desfaz do outro: mesmo que aceitemos os outros como testemunhas, que componhamos nossas visões com as deles, somos nós que continuamos a determinar os termos do pacto, o campo transpessoal continua sendo dependente do nosso (MERLEAU-PONTY, 2006).

A primeira consequência nefasta da ignorância do inter-mundo por parte de Sartre, concerne ao que podemos chamar de a fenomenologia da experiência de classe e o seu papel na concepção do político. Para Sartre, como vimos, a facticidade da experiência operária é destruidora de toda possibilidade de autoafirmação da classe como sujeito político. É por esta razão que é preciso se recolocar em um partido. À conversão individual descrita em *O ser e o nada* corresponde a uma conversão política, na transformação das massas alienadas em uma classe revolucionária. É a organização política que criou a classe e não um movimento social que se expressaria e se organizaria em movimento político.

Para Merleau-Ponty, o terreno originário de uma política de emancipação é justamente o meio social e histórico, colocando em comunicação implícita os indivíduos, que partilham uma mesma experiência de opressão e exploração. A ação revolucionária mostra que a consciência de classe nasce da experiência de uma situação social partilhada. Desta forma, compreende-se que a polêmica entre Sartre e Merleau-Ponty é a oposição entre duas interpretações, fundadas em duas ontologias sociais opostas.

Mesmo que os argumentos ontológicos tenham um lugar central no pensamento de Merleau-Ponty em *As Aventuras da Dialética*, não se pode negligenciar o ataque que ele faz ao pensamento literário de Sartre. Em sua obra *O que é a literatura?*, Sartre afirma que a literatura deve ser engajada, pois a palavra é ação e deve ter um posicionamento no mundo. O social está




diante do escritor como um ‘meio’ ou como uma ‘dimensão do seu projeto’. Ao fazer a escolha de escrever sobre um determinado tema, o escritor toma posição na história. Caso ele não o faça, Sartre afirma que ‘ele estará trapaceando’ deixando de pensar a sua própria situação histórica. Ao escrever, o escritor, o faz para seus contemporâneos, e convida o seu leitor a também tomar consciência da própria história, uma vez que ambos estão engajados na mesma época e são testemunhas dos mesmos fatos.

Diante destas afirmações, Merleau-Ponty compreende que “não há superação do homem pelo escritor. O escritor quer ser um homem que escreve” (MERLEAU-PONTY, 2006). A literatura não é a própria revolução, elas são distintas, mesmo que a literatura introduza na revolução um novo elemento da história, ao dar a ver aquilo que permanecia escondido. Da mesma forma, o escritor não é o motor da revolução. A liberdade do leitor não é solicitada pelo escritor, mas o olhar do homem oprimido que solicita a ação do homem. Da mesma forma que não é a literatura que anima uma sociedade em revolução, mas o próprio Partido. Merleau-Ponty afirma que para Sartre a literatura é sempre uma relação de consciência com consciência e para um marxista não se espera que a literatura seja a consciência da revolução. Merleau-Ponty não se opõe a literatura, nem muito menos aos escritores, mas se opõe a forma como Sartre pensa sobre ambos. Por esta razão, ele diz que:

Escritores são escritores: são os homens da palavra e do vivido, não se deve pedir a eles que pensem ‘objetivamente’ a totalidade histórica. Basta, dizia Trotsky e, em certa medida, Lukács, que eles tenham honra de escritores, para que o que dizem, ainda que tendencioso, possa ser aproveitado para a revolução. [...] Há um centro da história que é a ação política, e uma periferia, que é a cultura. Há as infraestruturas e as superestruturas. As coisas não caminham numa e noutra no mesmo passo (MERLEAU-PONTY, 2006).

Novamente Merleau-Ponty acusa Sartre de não ter compreendido Marx, pois para este, numa sociedade comunista não haveria nem escritores nem pintores, mas homens que escrevem e homens que pintam depois de um longo trabalho histórico sobre o homem. Enquanto que para aquele é desde já que a “literatura e a política são a mesma luta, em um único plano do acontecimento” (MERLEAU-PONTY, 2006). Ele continua discorrendo nas oposições entre Marx e Sartre, quando afirma que no comunismo marxista há lugar para uma oposição, enquanto no pensamento comunista sartriano não há lugar para nenhum tipo de oposição. Por fim, Merleau-Ponty afirma não haver nenhum tipo de contradição no pensamento de Sartre, justamente por se tratar de um pensamento e não de uma ação.





Em um último momento da obra, ele acusa Sartre de ter se equivocado duplamente. O primeiro equívoco é quando busca ver o mundo não-comunista a partir do olhar do mais desfavorecido; e o segundo é quando afirma uma simpatia pelo comunismo, mas é no mundo não-comunista que ele se instala. Para Merleau-Ponty “não se pode estar pela metade no comunismo; é preciso estar inteiro ou não estar. A fragilidade da posição de Sartre é que ela é uma solução para quem vive no mundo capitalista, não para quem vive no comunismo” (MERLEAU-PONTY, 2006). A crítica feita por Merleau-Ponty a Sartre não é acerca da descrição que este faz do comunismo, mas as errôneas conclusões tiradas por ele. Na base da discussão estão os seguintes problemas:


Sartre passou de uma filosofia que ignora o problema do outro, porque desvincula a consciência de qualquer inerência individual, para uma filosofia que, ao contrário, põe as consciências em situação de rivalidade, porque cada uma é um mundo para si e pretende ser o único - ou quando passou do conflito entre as liberdades rivais para uma relação de apelo e de resposta entre elas -, a cada vez suas concepções anteriores eram ao mesmo tempo conservadas e destruídas por uma intuição nova, à qual elas davam realce: o outro era esse impossível que, no entretanto, o ‘eu penso’ não pode recusar, era esse inimigo que, no entanto, a liberdade nutre com sua própria substância e de quem espera resposta e confirmação (MERLEAU-PONTY, 2006, pp. 246-247).

Por fim, Merleau-Ponty discorre sobre a preferência pelo comunismo, mas sem nenhuma adesão. A falta de engajamento não faz o sujeito entrar totalmente no mundo, pelo contrário, se toma distância do mundo ou o que ele chama de política por procuração. É preciso estar no mundo, ou como afirma o fenomenólogo, ser no mundo por meu corpo. O sentido que é dado para a história só é possível porque o sujeito ocupa nela um lugar, assim como o outro sujeito também ocupa um lugar nesta mesma história. Merleau-Ponty afirma que “é preciso que o mesmo homem, em literatura assim como em política, assumo tudo o que ocorre, instante por instante, com todos os outros, é preciso que ele seja imediatamente universal” (MERLEAU-PONTY, 2006).

### **3. Que resposta deu Sartre a Merleau-Ponty?**

A trajetória política e filosófica de Sartre sempre foi alvo de críticas por parte dos seus contemporâneos. Diante das constantes acusações, ele muitas vezes buscou responder aos seus críticos, como foi o caso de Lefort. Nestas respostas, Sartre se colocava numa atitude de defesa,





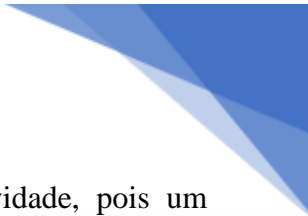
mas também de ataque aos seus destinatários. Na Resposta a Lefort, por exemplo, Sartre se defende dizendo que nunca negou o enraizamento social do trabalhador nem os fundamentos objetivos da classe, mas também acusa o seu interlocutor de não ter compreendido a luta de classes. Muitas destas respostas eram textos publicados na revista *Les temps modernes*.

Quanto às críticas apresentadas por Merleau-Ponty, em *As Aventuras da Dialética* houve por parte de Sartre uma resposta? Não! Não houve de Sartre uma resposta às acusações de Merleau-Ponty. Após a publicação do texto intitulado Sartre e o ultrabolchevismo, em 1955, Sartre entrou em um profundo silêncio. Ele só voltou a escrever sobre Merleau-Ponty em 1961, por ocasião da sua morte. Mas este último texto publicado em *Les temps modernes* quer ser mais uma homenagem ao amigo fenomenólogo falecido, do que uma resposta às acusações. Mas ao contrário de Sartre, que não respondeu a Merleau-Ponty, houve uma resposta por parte de sua companheira, Simone de Beauvoir.

Em *Les temps modernes* de junho-julho de 1955, Simone de Beauvoir escreve um texto intitulado Merleau-Ponty e o pseudo-sartrismo, que mais tarde será retomado em *Privilèges*. Ela acusa Merleau-Ponty de não só ter compreendido mal a Sartre, mas também de ter fabricado um pseudo Sartre. Para a filósofa existencialista, Merleau-Ponty busca em Sartre uma filosofia da história completa e definitiva e por não encontrá-la, ele procura reconstruir à luz da ontologia sartriana aquilo que Sartre “deve pensar”. Ela compreende também que toda a interpretação feita por Merleau-Ponty supõe a existência de um pseudo sartrismo e por esta razão, o seu objetivo neste texto é mostrar a distância que o separa da autêntica ontologia sartriana. Simone de Beauvoir afirma que o pseudo sartrismo é uma filosofia do sujeito, que se confunde com a consciência. Mas, para ela:

A filosofia de Sartre nunca foi uma filosofia do sujeito, e ele raramente emprega este termo, que Merleau-Ponty designa indistintamente a consciência, o eu, o homem. Para Sartre, a consciência, pura presença a si, não é um sujeito: “É sendo Ego que nós somos sujeitos” e o Ego aparece à consciência como um em-si transcendente (BEAUVOIR, 1955, p. 189).

Diante destas afirmações sobre o sujeito e a consciência, Merleau-Ponty negligencia a teoria da faticidade, que é uma das bases para a ontologia sartriana. Para Simone de Beauvoir, o “delírio” de Merleau-Ponty não está apenas relacionado ao equivocado conceito de sujeito que ele apresenta, mas também por afirmar que o pseudo-Sartre nega todo intermundo, toda intersubjetividade e também a história. Para ela, se Merleau-Ponty afirma com tanta certeza que



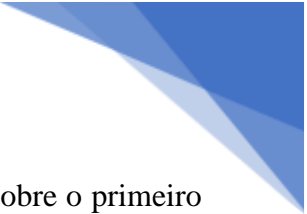
Sartre ignora o intermundo, é preciso recusar primeiro toda intersubjetividade, pois um intermundo seria uma mediação entre sujeitos. Desta forma, Merleau-Ponty declara que em Sartre há uma pluralidade de sujeitos, mas que não há intersubjetividade.

No decorrer do seu texto, Beauvoir busca argumentar cada uma das acusações apresentadas por Merleau-Ponty. Alguns temas, como literatura, engajamento e revolução também são longamente comentados por ela. Não podemos deixar de salientar que por se tratar de uma resposta às acusações feitas por Merleau-Ponty a Sartre, o texto é permeado de críticas, ao que ela irá chamar de “merleau-pontysmo”. Para Beauvoir, tanto o pensamento político, quanto a ontologia de Sartre são equivocadamente apresentados em *As Aventuras da Dialética*. Por esta razão, ela afirma que somos tentados a acreditar que as aberrações do pseudo-sartrismo o cortam radicalmente da realidade. Em Merleau-Ponty há uma curiosa harmonia estabelecida entre o delírio filosófico que apresenta o sujeito como demiurgo soberano e a loucura de uma política da ação pura. Desta forma, ela conclui que, se Sartre nega a história, a dialética, e finalmente a revolução, seu engajamento só pode ser fundado sobre princípios abstratos.

Ao final, Simone de Beauvoir conclui que as inconseqüências apresentadas em *As Aventuras da Dialética* tanto no plano filosófico quanto no político dão-se porque Merleau-Ponty foi vítima de um velho idealismo tradicional presente nos universitários franceses. Por esta razão, Merleau-Ponty vê na guerra da Coreia uma confrontação do marxismo com o stalinismo. Para ele a revolução consistia na crítica ao poder. Desta forma, Simone de Beauvoir afirma que Merleau-Ponty não compreendeu Sartre!

Simone de Beauvoir buscou responder às críticas feitas por Merleau-Ponty ao seu companheiro em *Aventuras da Dialética*, enquanto que Sartre permaneceu em silêncio acerca deste tema por um longo tempo. Foi no ano de 1961, ano da morte de Merleau-Ponty, que Sartre decidiu quebrar este silêncio existente entre os dois amigos. Na ocasião, Sartre publica em *Les temps modernes* um texto intitulado Merleau-Ponty. O texto escrito por Sartre busca ser uma homenagem ao amigo falecido. Ele faz memória, ao longo da narração, de como os dois se conheceram, dos momentos vividos juntos no cenário político e intelectual da França e também das divergências que existiram entre os dois. Sobre este último ponto, Sartre não responde diretamente às críticas feitas em *As Aventuras da Dialética*, mas busca manter-se firme no propósito inicial do texto.

Sartre também apresenta em seu texto elementos da vida pessoal de Merleau-Ponty, que provavelmente eram desconhecidos para o grande público. O primeiro deles é quando Merleau-



Ponty decidiu não mais ser cristão e o segundo é sobre a morte da sua mãe. Sobre o primeiro ponto, Sartre irá dizer:

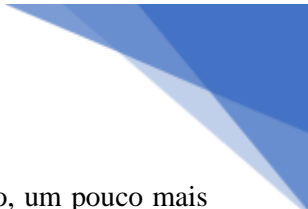
Cristão aos 20 anos, deixou de o ser porque, dizia ele: ‘Crê-se que se crê, mas não se crê’. Mas exatamente, ele pedia ao catolicismo que o integrasse na unidade de imanência e era precisamente o que ele não podia fazer: os cristãos amam-se em Deus (SARTRE, 1964).

Quanto ao segundo, Sartre revela que Merleau-Ponty ficou profundamente abatido com a morte da mãe e por consequência ficou recluso voluntariamente.

A revista *Les temps modernes* é constantemente mencionada por Sartre para relatar e justificar algumas das suas iniciativas com relação a Merleau-Ponty. Ele afirma que havia um corpo redatorial sem homogeneidade e que em Merleau-Ponty, além de existir uma ‘camaradagem’, tinha também uma grande capacidade para integrar os demais redatores, que eram de pensamentos e personalidades díspares. Por esta razão, Sartre sugere que o nome de Merleau-Ponty esteja ao lado do seu na capa da revista, porém ele recusa. Além da influência dentro do corpo editorial da revista, Merleau-Ponty também influenciou o pensamento político de Sartre. Ele irá fazer a seguinte afirmação:

Eu lia, instruía-me, acabava por me apaixonar pela leitura. Foi ele o meu guia; foi Humanismo e Terror que me fez dar o passo decisivo. Este pequeno livro tão denso fez-me descobrir o objeto e o método: ele deu-me o empurrão que me era necessário para me arrancar à imobilidade. Sabe-se que fez escândalo em toda parte. Houve comunistas que hoje não vêem nele mal algum (SARTRE, 1964).

No tocante às divergências políticas e filosóficas, que deram início ao afastamento entre os dois amigos, Sartre assume que também foi culpado. Segundo ele, Merleau-Ponty habitualmente pedia para que lesse os seus artigos e emitisse a sua opinião antes de serem publicados na revista. Sartre afirma que se tivesse feito a mesma coisa, provavelmente teria evitado maiores tensões. Mesmo tendo abandonado o cargo de diretor político em 1950, para Sartre, Merleau-Ponty continuava sendo o chefe de redação. Mas o mal entendido dependia de motivos mais graves e de outra ordem: “eu pensava continuar fiel ao pensamento de 1945 e que era ele quem o abandonava; ele continuava a ser fiel a si próprio e que eu o traía (SARTRE, 1964, p. 220)”. Sobre as críticas presentes em *As Aventuras da Dialética*, Sartre menciona poucas vezes o impacto que este texto lhe causou:




O curso dos nossos pensamentos afastava-nos um do outro, um pouco mais todos os dias. O seu luto, a sua reclusão voluntária, tornavam mais difícil a nossa aproximação. Em 1955, quase que nós íamos perdendo definitivamente: por abstração; escreveu um livro sobre a Dialética e atacou-me vivamente. Simone de Beauvoir não menos vivamente *em Les temps modernes*; foi a primeira e última vez que nós discutimos por escrito. Ao publicarmos os nossos desentendimentos, parecia que os tornávamos irremediáveis. Pelo contrário, no momento em que a amizade parecia morta, começou insensivelmente a reflorir. Sem dúvida, devíamos ter recusado a violência com excessiva preocupação: era necessário um pouco para acabar com os últimos sentimentos e que ele me dissesse de uma vez para todas o que lhe pesava ainda no coração. Em resumo, a coisa depressa se resolveu e, dentro de pouco tempo, voltamos a encontrar-nos (SARTRE, 1964).

O reencontro entre os dois amigos se deu em Veneza no ano de 1956. A Sociedade Europeia havia organizado colóquios entre os escritores do Leste e do Oeste. Sartre narra que quando se sentou no auditório, a cadeira ao seu lado estava vazia e que havia escrito no cartão o nome de Merleau-Ponty. Ele pensou que seria agradável ficar um ao lado do outro. O colóquio havia começado e Merleau-Ponty ainda não tinha chegado. Pouco tempo depois, Merleau-Ponty entrou no auditório e passando discretamente por trás de Sartre, toucou ligeiramente no ombro e esboçou um sorriso. Após este evento, eles voltaram a se encontrar em Paris, mas ainda existia um desconforto quando os dois estavam juntos. Neste momento da relação, o objeto da disputa, que era a revista, não mais existia. Era a revista que os tinha unido, assim também como foi ela quem os separou.

## Referências

- BEAUVOIR, S. Merleau-Ponty et le pseudo-sartrisme. In: *Privilèges*: Paris, Gallimard, 1955.
- CHAUÍ, M. Filosofia e engajamento: em torno das cartas da ruptura entre Merleau-Ponty e Sartre. *Revista Dissenso*, n°1, p. 133. São Paulo: ed. USP, 1997.
- MERLEAU-PONTY, M. *As Aventuras da Dialética*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MERLEAU-PONTY, M. *Humanismo e Terror: ensaio sobre o problema comunista*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Parcours deux* (1951-1961). Paris: ed. Verdier, 2000.
- SARTRE, J-P. *O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis: Vozes, 2014.



\_\_\_\_\_. *O que é a literatura?* Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica.* Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. *Situations IV.* Paris: Gallimard, 1964.

\_\_\_\_\_. *Situations VII. Problèmes du marxisme.* Paris: Gallimard, 1964.

SILVA, F. L. *Ética e literatura em Sartre: ensaios Introdutórios.* São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. 2015. *A Expressão do Drama - Da liberdade em Sartre.* Magma, (12), 19-30.

\_\_\_\_\_. 2006. Literatura e experiência histórica em Sartre: o engajamento. *Doispontos*, (3), 69-81.

**Recebido: 10-04-2019**

**Aceito: 26-08-2019**